

ENTREVISTA

Fabio Ando Filho

“O Clube do Livro e o Clube de Cinema contribuíram muito para minha escolha.”

Fabio Ando Filho terminou o Ensino Médio em 2009 e entrou em Relações Internacionais na USP. Formado, trabalha em um centro de acolhida a imigrantes. Durante o curso fez estágios e um intercâmbio na França. Aqui ele fala também da importância que, no colégio, tiveram para ele o Clube de Cinema e o Clube do Livro: “Os professores traziam coisas muito diferentes e acabaram abrindo minha cabeça para o mundo”.

JC – Quando e por que você escolheu o curso de Relações Internacionais?

Fabio – Além de uma orientação vocacional no Etapa, do 2º para o 3º ano eu fui a um intercâmbio no Canadá. Lá, fiz alguns amigos que estavam estudando Relações Internacionais e comecei a ter mais essa ideia.

Hoje você está satisfeito com sua escolha?

Acho que sim. Na verdade, brinca-se com isso na faculdade, que muitas pessoas escolheram Relações Internacionais porque não sabiam muito bem o que fazer. Mas a gente não faria diferente. Inclusive, você encontra pessoas muito interessantes em RI, todo mundo muito engajado, pessoas muito críticas. Acaba sendo uma experiência que vale a pena.

Além das aulas, você participou de atividades extracurriculares durante o Ensino Médio?

Sempre joguei basquete. Mas uma parte bem importante da minha passagem pelo colégio foi participar intensamente, no 2º ano, da montagem do Clube de Cinema. No 3º ano, quando entrou o Clube do Livro, eu e meus amigos íamos toda semana. O Clube do Livro e o Clube de Cinema contribuíram muito para minha escolha pela área de Humanas e até por Relações Internacionais. Durante um tempo eu me dediquei a ter esse acúmulo cultural de cinema e literatura.

Os professores traziam coisas muito diferentes e acabaram abrindo minha cabeça para o mundo.

No 3º ano você teve de mudar sua rotina para se preparar para os vestibulares?

Eu dedicava mais tempo ao estudo, mas era tranquilo porque no 1º e no 2º ano era bem puxado, com prova todo dia. Não abri mão das coisas que eu gostava de fazer. No dia 2 de janeiro, véspera da 2ª fase da Fuvest, fui ao cinema relaxar.

Como foi sua adaptação no curso de Relações Internacionais?

Achei tranquila. Como sou bem ativo, acaba não sendo um problema me adaptar. Tanto no Etapa quanto na faculdade eu entrei com a ideia de aproveitar o que tinham a oferecer.

Onde eram as aulas antes do prédio do Instituto de Relações Internacionais ter sido construído?

As matérias do ciclo básico foram todas na FEA.

O ciclo básico cobre que período do curso?

Os dois primeiros anos. A gente tem uma matéria de cada área, Economia, História, Ciências Políticas, Metodologia de Pesquisa.

ENTREVISTA

Carreira – Relações Internacionais

1
ARTIGO

Teatro Grego

5
ESPECIAL

Expandindo horizontes

8
CONTO

Será o Benedito! – Mário de Andrade

4

Durante o curso, você participou de atividades extra-aula?

Do 2º para o 3º ano eu fiz iniciação científica. A área que pesquisei era Opinião pública e Política externa. Acabei me envolvendo mais com Ciências Políticas, mas no final foquei em Sociologia.

Quanto tempo durou a iniciação científica?

Um ano e meio, do final de 2011 até o começo de 2013.

Você recebeu bolsa de estudos?

Tive bolsa do CNPq.

Além da iniciação científica, o que mais você destaca?

Joguei basquete durante toda a faculdade. Basquete e handebol também. E em 2010 e 2011 participei um pouco da Empresa Júnior. Depois me envolvi no Centro Acadêmico, onde havia discussões sobre política e sobre a nossa concepção pedagógica de Relações Internacionais. Também acabei me aproximando do Educar para o Mundo, um grupo de extensão do curso de Relações Internacionais. O grupo tem duas frentes de atuação, a educação popular e a questão dos direitos humanos dos migrantes na capital paulista. Hoje estou trabalhando nessa área.

Onde é seu trabalho?

Trabalho no Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. Outra coisa que eu faço é dar aula de Inglês em um cursinho popular do Núcleo de Consciência Negra da USP.

Você fez estágio durante o curso?

Fiz dois estágios. O primeiro, em 2011, no começo do 2º ano, foi na Abipe (Associação Brasileira de Intercâmbio Profissional e Estudantil), programa laeste (International Association for the Exchange of Students for Technical Experience). Na Abipe eu cuidava dos trâmites do pessoal que queria fazer intercâmbio, ajudava na questão de documentação, visto, moradia, encontrar programas educacionais para eles. Fiquei sete meses nesse estágio. Depois fui fazer intercâmbio durante seis meses.

Como foi esse intercâmbio?

No primeiro semestre de 2013 fui para a França, para o Institut d'Études Politiques, de Paris, mais conhecido como Sciences Po. Ele tem convênio com vários países e o que você vê lá é um pessoal da elite de cada país que vai para se formar e ser gestor quando voltar para casa. O perfil lá é bem diferente do da USP.

Como é essa diferença?

Para mim, o que ficou diferente foi que na USP existe um pensamento crítico, mais afinado. Lá não se encontra muito quem vai questionar o que o professor está falando. Eu

tinha vontade o tempo todo de ficar interrogando o professor, que é o que a gente faz na USP, onde se debate muito. Senti um pouco de falta disso.

Onde você ficou hospedado?

Fiquei alojado na Cidade Internacional Universitária, no centro de Paris. Não é fácil conseguir isso, dei muita sorte. A Cidade Universitária é só residencial e cada casa é de um país. Eu consegui por acaso uma vaga na casa do Camboja. Foi maravilhoso.

Além da França, você conseguiu visitar outros países na Europa?

Consegui. Fiz viagens para o Leste Europeu, tinha essa fascinação desde o Clube de Cinema do Etapa. Guardo com carinho a memória de alguns filmes sobre a região e acabei tendo interesse em conhecer. Fui para a Eslováquia, Hungria, Croácia, Bósnia. Daí fui para o norte da África – Marrocos, Tunísia. Na Tunísia, fui com uns amigos ao Fórum Social Mundial que teve lá. A gente participou de uns debates. Passei pelo sul da Espanha e depois fiquei um mês na Rússia, passeando. Estudo russo também, fui lá conhecer. Uma experiência incrível.

Na volta para a USP, o que você fez?

Quando voltei fiz estágio na USP mesmo, no Centro Ibero-Americano, Ciba-USP, que faz parte da estrutura de Núcleos de Apoio à Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa e está vinculado ao Instituto de Relações Internacionais.

O que você fazia no Ciba?

Um pouco de tudo. A gente organizava uma carta de estudos na pós-graduação. Vem um monte de especialistas em diversas áreas e as pesquisas são sobre a temática ibero-americana. Organizava um pouco os projetos, os eventos, recebia as autoridades. Às vezes fazia uma análise de contexto. Também organizei uma conferência.

Você ficou quanto tempo no Ciba?

Um ano. De meados de 2013 a meados de 2014.

No último ano do curso, qual era sua maior preocupação?

Era o que fazer depois de formado. Em Relações Internacionais a gente acaba fazendo um monte de coisas, mas isso pode ser um ponto negativo, você acaba não tendo uma especialidade para apresentar. O curso forma profissionais bem capazes, mas com um campo restrito de atuação. Eu me envolvi nos últimos tempos com a educação popular, só que não posso pleitear um emprego formal de educação porque não sou pedagogo. Esses fatores limitantes nos deixam preocupados. Quando me formei fiz uns bicos, tradução e outras coisas que vão aparecendo, mas tinha essa preocupação: "O que vou fazer?"

Como é seu trabalho atual?

Entrei em dezembro. Meu primeiro emprego de carteira assinada. Eu fico num abrigo onde moram 110 pessoas. Meu cargo é de orientador social.

Quantas pessoas trabalham nesse abrigo?

O diretor, dois agentes ativos, o advogado e dois assistentes sociais. Funciona sempre com duas pessoas em plantões de 12 horas, com descanso de 36. A gente dá suporte para os imigrantes.

Lá tem pessoas de quais países?

Tem do mundo inteiro. A maioria é da África e do Haiti. Agora estão chegando muitos árabes também.

De que país?

Da Síria. Acompanha o fluxo normal de imigração de São Paulo. Não tem muita diferença.

Como está a situação do profissional de Relações Internacionais no mercado de trabalho?

É difícil precisar a situação do profissional de RI. Cada um de meus amigos está num momento diferente, num lugar diferente. Não consigo formular o mercado de RI. Atividades normais da carreira seriam diplomacia, trabalhar com consultoria de política externa, mas do meu círculo poucas pessoas trabalham nessas áreas. Tem muita gente seguindo na área acadêmica, um pessoal ingressando no mestrado de Ciências Políticas, Sociologia, Economia. Muitas pessoas trabalham no Terceiro Setor, muitas pessoas trabalham na Prefeitura, em diversas áreas, relações internacionais, direitos humanos, meio ambiente, planejamento. Não é fácil, na verdade seria fácil se todo mundo tivesse espírito empresarial, mas esse não é o foco do curso da USP.

Você pensa em continuar estudando?

Sim. Meus planos para o futuro incluem continuar estudando. Na área de Sociologia. Quero partir para o mestrado, para fazer pesquisa.

Como você se imagina daqui a 10 anos?

Paro para pensar todo dia, mas ainda não consegui encontrar uma resposta. Acho que tem a ver com esse perfil meio de estar construindo sempre coisas novas, buscando. Não é um perfil tradicional. Eu sei que essa pergunta é feita a muitas pessoas e a resposta é que em cinco anos querem estar em um cargo de gerência, em dez anos vão abrir empresa própria. Para a gente de RI é continuar construindo a partir das ferramentas desenvolvidas durante o tempo de formação. Mas daí até eu chegar a um ponto, está em aberto ainda.

Com relação ao que você estudou na faculdade, está de acordo com o que você vê no dia a dia profissional?

Vendo a parte educacional da faculdade, não acho que nem de longe a sala de aula foi o principal da minha formação. Principalmente, acho que o que a gente faz fora da faculdade é que nos dá a experiência de que precisamos. Agora, por exemplo, com os refugiados, do que precisamos para trabalhar ali? Precisamos de sensibilidade, precisamos entender além do que vemos no noticiário. A gente desenvolve um pouco disso em sala de aula a partir do que buscamos com nossa curiosidade, nossos estudos.

Você acha que o principal da faculdade foi a relação com outras pessoas, com outras realidades?

Na faculdade há um espaço muito estimulante, de debates, de construção de ideias, de construção de projetos. Por isso, agora que me formei, optei por morar com uns amigos da faculdade, porque a gente consegue ter esse diálogo, essa construção. Essa não é uma opinião só minha, várias pessoas de RI vão dizer que a melhor parte da faculdade é a vivência com as outras pessoas.

Como o Etapa foi importante para você?

Eu encontrei aqui professores de Humanas que ampliaram minhas ideias. Isso foi muito legal. Nas aulas de Literatura a gente conseguia discutir, debater bastante. O ápice mesmo foram o Clube do Livro e o Clube de Cinema. Havia o interesse dos professores em fazer a gente dialogar e isso com certeza ficou.

Você ainda tem amigos do Etapa?

Tenho, principalmente o pessoal que foi para as Humanas da USP. A gente faz projetos juntos.

Que recordações você tem da sua época no colégio?

Sofre-se um pouco, mas principalmente pela idade foi um momento de transformação. Você amadurece bastante no colegial aqui, aprende a se virar, aprende a estudar. Acho que a recordação é essa, um momento de transição, de transformação.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Em termos de vestibular é não viver encanado com isso, tentar não deixar de lado as coisas normais da vida. Eu tinha essa diretriz de não deixar de lado a vida por causa do vestibular. É o momento de estudar, mas também é o momento de passagem, de amadurecimento. O que faz diferença mesmo é você aproveitar todas as experiências que pode ter neste momento.